

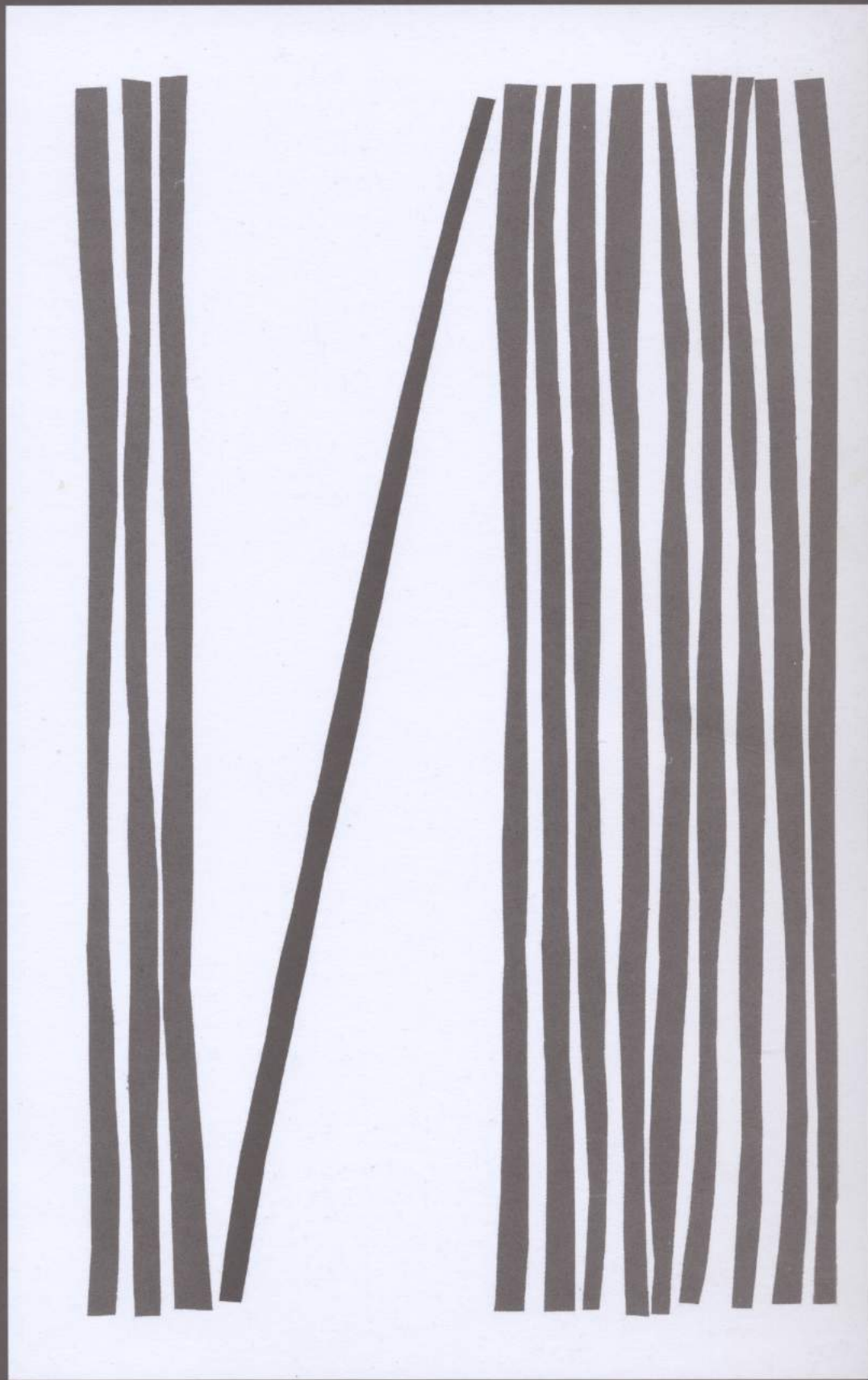
defacto

revista da Escola Secundária de Alberto Sampaio

número 18

Braga, Maio de 2010

obra



Sentado diante do computador, para um tentame de *editorial* introdutório a esta *Defacto* dedicada à **Obra**, espreito entretanto a Internet e leio que o alpinista português João Garcia alcançou o cume do Annapurna, no Nepal, a 8091 metros de altura. O nosso herói inscreve-se na história como o décimo ser humano a chegar ao topo de 14 montanhas do mundo acima dos 8000 metros, sem uso de oxigénio artificial. Trata-se de um limiar a partir do qual se penetra numa zona de “exclusão” da vida onde ocorre o paradoxo de dar tudo por tudo para lá chegar e de lá ter que sair o mais rápido possível. Com modéstia e respeito, João Garcia esclarecera um dia que subir tão alto não é uma vitória sobre a Natureza: “se vencer algo, será sempre e apenas dentro de mim” (in revista *Margens e Confluências*, ESAP/Guimarães).

A ideia do tema deste número da revista, e o seu *leitmotiv*, são (ou eram) as obras da escola. Saber que escola somos ou supomos ser e queremos ser, enquanto projecto educativo e cultural, passa pelo lugar onde. E esse lugar não é uma abstracção: nele passamos um pedaço da nossa vida, aprendendo e ensinando, trocando afectos e ideias – apurando a obra que cada um de nos é. Ora, presenciar e intervir na narrativa da transformação desse *locus* parecia-nos uma experiência exemplar. Mais do que os serviços mínimos (a informação que foi sendo prestada, a maquete exposta, etc.) requeria um debate público e uma reflexão mais documentada sobre o processo e os resultados previstos. Uma questão de democracia: todos estaremos de acordo que isto envolve uma vasta comunidade de ouvintes e falantes.

Tinha, pois, a *Defacto* este compromisso com os seus leitores. Admitimos e aplaudimos os cuidados em isolar a zona de obras por razões de segurança. E também admitimos (com um bom aplauso) que a casa da ESAS que agora estreamos é agradável, afigura-se funcional, é estética e tem até um certo ar cosmopolita, desafiando-nos agora para ideias, propostas e projectos avançados. Mas, nalguns momentos, com as devidas precauções, seria curial que fosse permitido à revista da Escola documentar-se sobre o processo das obras, ouvindo intervenientes e fazendo registos fotográficos. A velocidade deste processo impossibilitou as entrevistas que pedíamos – e que não foram recusadas, há que reconhecê-lo. Mas também soubemos que, nos termos propostos pela *Parque Escolar*, estaríamos impedidos de registar e publicar qualquer imagem das obras. Assim sendo e lograda a oportunidade, *adelante...*

...Há mais obras para esta revista. Alunos, professores e convidados celebram obras várias neste número 18: as espirituais e as materiais, as cósmicas e as humanas; a obra acabada que usufruímos ou a memória retém; a inacabada que cada um de nós é e deve aspirar a ser; a obra por vir dos nossos projectos, sonhos e utopias. A obra da nossa vida, aqui e lá fora; a de educar e instruir os nossos jovens para um futuro digno e feliz – e é obra! fazê-lo em contracorrente da desesperança que graça nestes tempos difíceis e até sombrios. De Obras e desobras, colossos, arranjos e ruínas constam palavras e imagens. Pudessemos esta revista ter mais páginas...por isso, a palavra final é de agradecimento a todos quantos colaboraram nesta edição, incluindo aqueles que, por razões de espaço, não verão desta vez aqui os seus textos publicados. Em nome de quantos *Defacto* fizeram, obrigado.

Estamos tão familiarizados com os objectos que nos rodeiam que, quase sem darmos conta, não sabemos por quem são feitos e como são feitos. No entanto, se observarmos com detalhe, podemos obter conhecimentos interessantes acerca deles e temos a necessidade de investigar e adquirir destrezas intelectuais, para compreendermos e construirmos novos conhecimentos.

Aprender com os objectos é saber observar, interrogar, pesquisar e estudar, construindo uma rede de linguagens intelectuais e manuais. A complexidade desta aprendizagem aumenta quando o sujeito criativo produz intelectualmente e executa a obra com o fulgor das suas mãos. Antes da obra, existe o pensamento e a intenção.

No meu trabalho de joalheria, o entendimento da Jóia como objecto multicultural é fundamental. Para mim, a jóia, tal como a vida e todo o processo de crescimento, incorpora e estabelece uma rede de ideias, de questões e de compreensões do mundo e de nós próprios. Este entendimento depende da nossa capacidade intelectual – o que vemos, o sentido do objecto, o que revela –, do que sabemos e do que queremos descodificar, sendo a joalheria um meio privilegiado de preservação de valores, de identidade artística, indissociável da cultura de um país. A obra encerra também em si mesma a sabedoria de um *corpus* de conhecimentos técnicos e especificidades na sua construção.

A construção de uma jóia requer uma abordagem prévia e complexa. Primeiro, quais os materiais empregues, as técnicas utilizadas, as características morfológicas, os elementos decorativos, a sua funcionalidade, as relações e o seu significado. Depois, a execução da Obra é uma jornada, uma viagem ou um diálogo criativo. Por vezes, a construção da jóia permite que este diálogo criativo seja um catalisador e facilitador do processo de o indivíduo descobrir o seu próprio caminho. Entra-se num processo alquímico. Viaja-se. Encontramos, perdemos. Compreendemos. Voltamos a encontrar. Há uma espécie de rigor e um método, mas são tipos de rigor e método que exigem flexibilidade e reverência, auto-conhecimento, compromissos e esperanças. Este interesse persistente, na relação entre arte e a ornamentação do corpo, leva-me a integrar na joalheria, que desenho e faço, um sistema gerador de diversidades: espaços de convergência espiritual, culturas de convivência e de memória colectiva.

Para mim, todo o objecto e toda a obra, na sua elaboração, tem o testemunho humano, das habilidades e necessidades de uma sociedade e cultura, e só emerge em certos estados de consciência, num interesse em combinar estética, poesia e devoção.

aprender com os objectos

Ana Caldas

73

